

Herói em visita

*Samba e picaretagem
seguem Mandela*

José Alves de Moura, o inevitável "Beijoqueiro" que caça celebridades, vestiu smoking e aguardou pelo momento de avançar sobre o líder sul-africano Nelson Mandela e sua mulher, Winnie, que desembarcaram no Aeroporto do Galeão, na manhã de quinta-feira da semana passada, para uma maratona de cinco dias pelo Brasil. Depois de se engalfinhar com meia dúzia de policiais, o Beijoqueiro voltou para casa de lábios abanando, com a roupa em frangalhos e inaugurou a estadia de Mandela no Brasil, composta por uma coleção de fatos divertidos, pitorescos e até absurdos que acompanham a maioria das excursões de personalidades internacionais, sejam elas brancas ou negras. "Tenho a sensação de estar em casa", disse Mandela, ao desembarcar.

Aos 73 anos, Mandela chegou ao Brasil exausto, mas sustentou o sorriso e a elegância que o caracterizam, apesar de ter ficado sem suas malas, extraviadas em uma conexão de voo em Miami. Reagiu com bom humor às homenagens, como a festa de 50 000 pessoas que foram ao Sambódromo para vê-lo de perto e sambar ao som de Martinho da Vila. Em São Paulo, foi apanhado pelo frio da cidade e teve de emprestar um capote do governador Luiz Antônio Fleury. O líder sul-africano não abandonou a cordialidade nem mesmo quando tomou conhecimento da decisão recente do governo brasileiro de indicar um embaixador em Pretória, reconhecendo assim o fim da segregação racial naquele país. Até agora, como sanção pelo apartheid, o Brasil mantinha relações diplomáticas de segunda classe com a África do Sul, deixando a embaixada nas mãos de um encarregado de negócios.

POUSO EXTRAORDINÁRIO — O problema é que Mandela percorreu o Brasil dizendo que o apartheid não acabou, e essa notícia poderia azedar uma parte da viagem. O próprio ministro Francisco Rezek, no entanto, ficou livre de ouvir qualquer recriminação. Na sexta-feira, ele embarcou

para a China, evitando um encontro com Mandela durante sua passagem por Brasília. O roteiro do líder sul-africano foi movimentado pela ação de um obscuro grupo denominado Amandla, que abriga alguns dos envolvidos na montagem do conto-do-vigário destinado a enviar "leite para as crianças do Iraque" durante a guerra no Golfo. A organização intermediou o encontro entre o visitante ilustre e um de seus anfitriões, Albuíno Azeredo, do Espírito Santo, um dos três governadores negros do país, ao custo de 27 000 dólares por um pouso extraordinário de Mandela em Vitória. Jorge Xavier, um dos coordenadores do grupo, disse a VEJA que o dinheiro se destinava a financiar uma viagem à África do Sul, três meses atrás. "Viajei, fiz os contatos com o CNA e até levei um representante do governo do Espírito Santo", garante. O secretário

de Justiça, Renato Soares, nega a existência do acerto e jura que recusou a proposta de Xavier. A se acreditar no grupo Amandla, palavra que significa poder na língua materna de Mandela, constata-se que o governador Albuíno Azeredo tornou-se a primeira autoridade brasileira a pagar ingresso para receber visita. ■